



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A SOCIOPOÉTICA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO: CIRANDANDO COM AS JUVENTUDES UNIVERSITÁRIAS

Maria Dolores dos Santos Vieira, Cristiana Barra Teixeira, Antonia Regina dos Santos Abreu Alves
doloresvieiraeduc@hotmail.com, cristiana_barra@yahoo.com.br, reginaabreu22@hotmail.com
Universidade Federal do Piauí/CSHNB

Resumo

“A sociopoética das relações de gênero: cirandando com as juventudes universitárias” é um estudo qualitativo, de caráter exploratório e descritivo, resultado da Roda de Cultura Sociopoética: Juventudes fazendo gênero na escola. Com objetivo de captar as identidades e percepções de gênero de jovens discentes do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí e da Universidade Estadual do Piauí, a partir das apreensões registradas durante a experiência do estágio supervisionado e na docência em escolas particulares e públicas da rede municipal e estadual da capital piauiense, notadamente, na educação infantil. O estudo perseguiu a seguinte questão norteadora: a) Quais situações envolvendo identidades de gênero na escola podem ser descritas e quais encaminhamentos educativos foram dados ou não a elas no sentido de formação ou não para as crianças superarem ou manterem a desigualdade de gênero? Nessa empreitada, empregamos a abordagem sociopoética através de técnicas artísticas. Refletindo sobre os achados, pontuamos que a identidade de gênero difere da identidade de sexo, mas pelos saberes produzidos, vemos que a escola continua sendo um dos espaços de reprodução das desigualdades de gênero através de práticas educativas que reforçam estereótipos de feminidades e de masculinidades contribuindo para a separação de meninas e meninos, fixando papéis, determinando os lugares e os fazeres adequados a cada sexo. No tecido desse estudo percebemos que grande parte das práticas de manutenção dessas desigualdades vem das professoras, que além de naturalizá-las se invisibilizam, não por uma ausência, mas contraditoriamente, por uma presença que confirma a necessidade da heteronormatividade.

Palavras-chave: Sociopoética. Identidade de Gênero. Escola.

Introdução

As relações de Gênero constituem a essência dessa tessitura, especialmente porque nos inquietamos com as situações preconceituosas, ainda marcantes nas sociedades e nas culturas, que por meios diversos, afeiçoam os indivíduos de acordo com modelos pré-estabelecidos. As construções sociais que afetam homens e mulheres não fazem com que tais estereótipos sejam abolidos totalmente de nossa sociedade, uma vez que, práticas sexistas ainda são muito



comuns. Por outro lado, a naturalização de atitudes preconceituosas passa despercebida perante a sociedade, limitando e dificultando uma possível superação.

Este artigo é resultado da Roda de Cultura Sociopoética “Juventudes fazendo gênero na escola” realizada como uma das atividades do Projeto de Extensão “Rodas de Cultura Sociopoética: juventudes e artes na educação” desenvolvido através do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Cidadania – NEPEGECI da Universidade Federal do Piauí, Campus Ministro Petrônio Portela em Teresina- Piauí sob a coordenação da professora doutora Shara Jane Holanda da Costa Adad no biênio 2013 a 2014.

Desejamos publicizar que consideramos as práticas educativas como espaços de vivências sociais com papel irrefutável na construção de sujeitos pré-determinados, que dedicamos atenção aos mecanismos que são utilizados no reforço das diferenças entre meninos e meninas de maneira inconsciente e natural, sejam por meio da linguagem, de livros didáticos e de atividades didáticas. A escola não está isenta de práticas sexistas, muito pelo contrário, é nesse espaço onde professores/as, que são intérpretes fundamentais nessa construção social das diferenças disponibilizam sua parcela de contribuição, tentando de todas as formas, moldar meninas e meninos, com características ditas femininas ou masculinas.

Dadas essas nossas afirmativas, validamos que as juventudes universitárias, aqui representadas por jovens alunas dos Cursos de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí e da Universidade Estadual do Piauí, têm contribuições significativas para nossa abordagem envolvendo identidades de gênero na escola, enunciando e descrevendo as orientações educativas diante da desigualdade de gênero vivenciada a partir das observações e registros feitos em escolas da educação infantil na cidade de Teresina-PI.

Conforme Rosenberg (2001, p. 287) “raríssimos estudos parecem ter ido à busca do lugar da infância na construção social das relações de gênero no sistema educacional.”, essa carência valida a importância desse estudo no âmbito acadêmico e social.

Perspectivamos com essa pesquisa captar as identidades e percepções de gênero das jovens discentes do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí e da Universidade Estadual do Piauí, partícipes da Roda de Cultura Sociopoética: Juventudes fazendo gênero na escola. Empreendemos o estudo considerando essas apreensões registradas durante a experiência do estágio supervisionado e na docência em escolas particulares e públicas da rede municipal e estadual da capital piauiense, notadamente, na educação infantil, que foram



produzidos os saberes-retratos de práticas que naturalizam as desigualdades de gênero nessas escolas, *locus* da atuação das jovens pesquisadas.

Elegemos como problematização dessa investigação a seguinte questão: a) Quais situações envolvendo identidades de gênero na escola podem ser descritas e quais os encaminhamentos educativos foram dados ou não a elas no sentido de formação ou não para as crianças superarem ou manterem a desigualdade de gênero? Nessa empreitada, utilizamos a abordagem sociopoética através de técnicas artísticas, podendo ser considerado um estudo de caráter exploratório e descritivo fundamentado nas contribuições teóricas de Louro (1992), Freire (1987), Sayão (2005), Alarcão (2001), Fausto-Sterling (2000) dentre outras/os.

Nesse artigo apresentamos os saberes abrolhados por dois grupos copesquisadores acerca das relações de gênero na educação infantil com estruturação organizada em três momentos: O acolhimento voltado para a potencialização do corpo pesquisador, a produção dos saberes e a sua socialização no grupo. Aquele constitui a metodologia do estudo, enquanto estes determinam a discussão dos achados.

Metodologia: cirandando com as juventudes universitárias e sociopoetizando as relações de gênero

Iniciamos a Roda com um momento de acolhimento das jovens participantes com a brincadeira da bola. Propusemos que as participantes caminhassem aleatoriamente durante alguns minutos, em seguida introduzimos gradativamente bolas e orientamos que todas passassem a bola de uma para outra sob o ritmo de uma música que marcava o tempo da troca da bola entre as pessoas. O propósito era promover a integração entre participantes, quebrar o gelo e trabalhar o corpo. Em seguida, propomos e realizamos outra atividade de trabalho corporal, a brincadeira do vampiro. Nela, as partícipes tinham que andar de olhos vendados, vampirizadas, tocar e ser tocadas por outras participantes desvampirizando-se. Esse dispositivo representou a desconstrução, o afetar-se, a mudança do estado das coisas. Foi extremamente significativa para o grupo essa vivência.

Todas participaram e ao serem tocadas gritavam. Foi um momento muito forte de relaxamento e liberdade. No segundo momento dessa brincadeira, as vendas foram retiradas e todas iniciaram uma caminhada ora rápida ora lenta representando a marcha das juventudes e suas facetas pessoais. Todas as jovens tiveram que parar em frente à outra jovem para



reconhecer-se nela. Esclarecemos que não houve jovens homens inscritos para essa Roda. Percebemos que algumas participantes tiveram dificuldades de olhar nos olhos das outras, mas este momento foi de extrema importância para a percepção da outra como presença significativa nos encontros da vida. Todas essas percepções foram sinais para a proposição firmada pelo tema gerador da Roda de Cultura Sociopoética: Juventudes fazendo gênero na escola.

Para encerrar esse momento de acolhimento, cada jovem registrou com o seu corpo aquele que foi o seu gesto de juventudes fazendo gênero na escola e de mãos dadas, em círculo, a acolhida foi encerrada com o abraço coletivo das juventudes. Então chegou a hora de cada jovem dar significado ao seu nome. Na roda, cada nome ganhou um significado, dados importantes para as pesquisadoras: características pessoais, individuais e nortes para as relações de gênero que cada uma vive ou não.

As partícipes foram divididas em cinco grupos copesquisadores e nesse trabalho nos ateremos aos saberes produzidos pelo grupo copesquisador 1 e 2. Como já anunciamos a Sociopoética é uma abordagem filosófica que se utiliza de técnicas artísticas para produzir saberes (Gauthier, 1999). Essas atividades expressas pelo veio da arte são desenvolvidas por meio de comandos, pequenas ordens dadas pelas facilitadoras para os grupos copesquisadores, que são ao mesmo tempo pesquisadores e pesquisados em movimento contínuo de produção de saberes. O método do grupo-pesquisador é o centro vivo da sociopoética.

(...) não queremos (...) reproduzir as práticas instituídas de pesquisa, em que os pesquisados são explorados como produtores dos dados da pesquisa (dos conhecimentos sem os quais nenhum pesquisador poderia pesquisar, publicar e fazer sua carreira) que controlam nada do uso da “mais valia do conhecimento” que seus próprios conhecimentos permitiram produzir. (...) o sentido final da pesquisa lhes escapa totalmente. (...) as pessoas alvo da pesquisa tomam poderes os mais amplos possíveis na produção de conhecimento e na realização da pesquisa, até o fim, a socialização (GAUTHIER, 1999. p.41).

Convidamos nossas copesquisadoras a viajarem pela imaginação, fazendo livres associações com o tema gerador. Incentivamos a produção de dados referentes a esse tema, numa linguagem simbólica e criativa que nos permitiu ultrapassar a simples dimensão consciente, dando espaço para nossa intuição, partindo do pressuposto de que o corpo pensa, “(...) que é impossível atingir os pontos de fusão e fluidificação dos saberes fora da dinâmica dos corpos no grupo-pesquisador. (...) É o corpo que produz conhecimento, o corpo coletivo,



criado no processo de pesquisa” (Gauthier, 1999. p. 64). Depois dessa experiência colaborativa demos voz aos corpos copesquisadores, ouvindo-os na socialização dos saberes produzidos.

Resultados e Discussão: a roda que roda para transformar as concepções de gênero das copesquisadoras

Com esse entendimento, o primeiro grupo recebeu o comando para fazer um teatro de balões do gênero em que protagonizassem meninas e meninos e os estereótipos de sexo e de gênero na escola. O grupo 2 recebeu o comando de criar um painel do gênero na Educação Infantil. Para essa prática sociopoética foi estipulado o tempo de trinta minutos, o mesmo tempo dado ao grupo 2 e igual tempo para socializar o que fora produzido para cada um desses.

Nessa panorâmica, as narrativas de histórias sobre as identidades de gênero se fez através da voz das personagens balões dramatizadas em duas situações: menina da educação infantil que deseja jogar futebol; menino da educação infantil que deseja utilizar uma caneca cor de rosa para beber água durante o recreio escolar. No caso da menina, a intolerância partiu de um menino que julgava errado duas meninas jogar futebol por ser um jogo masculino e encontra, na confirmação da professora que realmente se trata de uma brincadeira inadequada para meninas, o reforço para a desigualdade de gênero na escola. Sobre isso, o Grupo Copesquisador 1 reiterou que a professora entendeu no sentido de colocar as crianças em seus lugares “de normalidade”.

Nessa prática da professora reconhecemos o corte, o limite, a linha tênue do não poder ser e fazer aquilo que é do outro/a. Como diz Fausto-Sterling (2000) é necessária à intervenção no sentido de corrigir, de desencorajar qualquer sentimento de ambiguidade sexual, não se devem deixar dúvidas ou não ser bastante claro nessas questões, principalmente quando se trata do diálogo entre escola e família, precisa ser bem elucidativo.

Podemos inferir a partir desses episódios que a educação, nesse caso, está pautada em práticas e estratégias de organização carregadas de intencionalidade educativa que tem no sexo um critério para comportamentos adequados ou inadequados. Por esse viés, há uma exigência social para que as crianças desenvolvam e corporifiquem desempenhos individuais que atendam às expectativas e normatizações dos estereótipos concebidos e fixados como



aqueles que são aceitos e largamente propalados. Paz (2008) observa o quanto os educadores influenciam nos momentos da socialização entre meninas e meninos, para os preconceitos de gênero.

Na raia dessas ideias, esse conjunto de regras e imposições de condutas humanas faz com que a criança, principalmente, a da educação infantil, que não é reconhecida nesses modelos de ser feminino e masculino passe a ser alvo de exames e em muitos casos passe também, a ser remodelada, trazida para o seu lugar de menino ou de menina. Nessa mão única, a escola tem servido, com frequência, aos propósitos dessa educação sexista, pois é instituição que separa meninos e meninas ao invés de integrá-los e com isso fortalece as desigualdades de gênero e rivaliza a relação entre esses seres humanos desde a infância.

Há nisso um processo de negação e inversão do papel da escola que se esvazia da sua função transformadora para dar continuidade à reprodução de uma história que precisa ser reescrita na vida. Consolidando essas ideias sobre o modelo de educação e de escola nos esteamos em Alarcão (2001, p. 19):

Uma coisa é certa. Urge mudá-la. Não apenas nos currículos que são ministrados, mas na organização disciplinar, pedagógica, organizacional. Nos valores e nas reações humanas que nela se vivem. É preciso repensá-la, pensando-a em contexto. Mas não basta que fiquemos apenas no pensar. Depois, é preciso agir para transformá-la.

A tese aqui colocada atravessa a própria formação docente, pois nos parece que os cursos não têm alcançado essas questões e essas/es professores/as têm transposto para as suas práticas concepções arraigadas de preconceitos, porque são elas/es também, produto dessa naturalização de papéis, agindo como dominadores/as de sua própria dominação. Isso pode trazer implicações para os modos como percebem essas características quase como uma extensão da natureza de cada sexo (LOURO, 1992).

Na sequência, o grupo copesquisador 1 representou a segunda situação: um menino de cinco anos insiste em tomar água numa caneca cor de rosa durante o recreio e tanto meninas e meninos começam a chamá-lo de “mulherzinha.” Mais uma vez a interferência docente comprova uma educação sexista, pois a professora intervém recriminando o menino por não ter utilizado a caneca verde, amarela, vermelha ou a azul, mas adequadas para meninos. Esses saberes produzidos são marcas da forma como a educação vem se reproduzindo e sedimentando as desigualdades de gênero.



Em conformidade com as expressões do grupo copesquisador 1, meninas e meninos pequenos gritavam, gesticulavam, e buscavam a confirmação da professora para aquilo que eles/as inocentemente defendiam como uma verdade que exige ser mantida para a ordem, para a conformação dos corpos infantis. Havia naquela manifestação uma força social transgressora que inibia a outra força agora transgredida, vencida pelo poder do sexo que suplanta nessa experiência, a sexualidade que deveria ser maior e fonte para a formação dessas crianças. Dessa maneira, Sayão (2005, p.113) corrobora com essa discussão “evidenciando que os corpos são conformados de um modo profundo e desigual, como são capturados pela rede de discursos e práticas que elabora cotidianamente o bom- mocismo”.

Essa contingência das fronteiras do gênero pelas professoras e pelas próprias crianças é entrave e fator que contribui para a produção de rótulos e promoção da exclusão na ambiência escolar. Outra interface dessa realidade é que as professoras consideram a escola e a infância, particularmente, a educação infantil tempos e espaços de redirecionamentos, advogam que este é o cenário ideal para corrigir os maus comportamentos e construção dos modelos adequados de ser menina e de ser menino. Por essa ótica, a educação é ação coercitiva e a pena aplicada é manutenção dos modelos de masculinos e femininos vigentes pela lei da heteronormatividade. As crianças que fogem dessa modelagem são consideradas esquisitas, anormais e sempre recebem a justificativa de que essas diferenças são “culpas” de suas famílias por não saberem educá-las em valores morais e religiosos, nesses termos, a família também é pressionada a fazer os ajustes necessários aos corpos que tentam escapar à norma.

Por essa dramatização de vivências dessas jovens nos espaços escolares foi possível enxergar, também, a situação dual em que se encontram as professoras: se por um lado elas têm consciência da diferença entre identidade de gênero e identidade sexual, elas seguem protocoladas por medo e fixidez das identidades de gênero. São perceptíveis as raízes históricas que fincam a ideologia e prosperam a normatividade, especialmente, na escola. Sob esse foco, as professoras se agarram ao que é referente como masculinidades e feminilidades e se afastar disso é de certa forma, falhar no seu papel de educadora de crianças.

Com todas as imbricações que trouxeram essas dramatizações representativas de vivências do Grupo Copesquisador 1 na Educação Infantil, seguimos atendendo a nossa proposta aclarando a produção dos saberes do grupo copesquisador 2 que recebeu o comando de criar um painel do gênero na Educação Infantil. Esse grupo retratou cenas do cotidiano escolar de Centros de Educação Infantil em Teresina - PI. O cenário descrito trouxe imagens



de meninas comportadas, sentadas, brincando de se maquiarem e meninos jogando bola, afoitos, livres, correndo velozes, fortes. Conforme a cena teatralizada, os brinquedos foram distribuídos pela recreadora que automaticamente vai entregando o brinquedo de menina e de menino para as crianças.

As observações registradas pelo Grupo Copesquisador 2 apontam para um conformismo dos corpos, uma latência resguardada dos gêneros. Com isso, desde cedo, percebemos a fragmentação entre meninos e meninas o que demanda dos/as professores/as um trabalho educativo comprometido com a superação dessa dicotomia. Porém, notamos o contrário, um engessamento por parte dos/as docentes. Essas questões passam despercebidas e na maioria das ocorrências são protagonizadas por professores/as no espaço escolar. São vários os contextos retratados: as meninas no início da fila para o lanche, porque precisam ser protegidas dos meninos, os brinquedos e brincadeiras de meninas e de meninos, as cores adequadas para cada sexo. Circunstâncias vividas e reiteradas na escola.

Pelo apurado do Grupo copesquisador 2, a formação de grupos heterogêneos desperta o preconceito entre discentes em relação à homossexualidade como o exemplo de um menino que faz amizade com meninas e passa a andar com elas na escola, logo surgem questionamentos sobre o fato de ele só andar com menina. Nesse cenário, esse comportamento destoante da normalidade sugere que ele está se afastando dos padrões masculinos. Desse modo são alimentadas as desigualdades de gênero e perpetuadas as divisões sexuais que polarizam o poder desde que pais e mães sabem o sexo do bebê. Só há dois lados, duas vertentes: feminino e masculino, quem não se encaixa em uma ou na outra, está à margem.

A nosso ver, a identidade de sexo é condição para que sejamos ou não remodelados, reconduzidos, territorializados, colonizados. A individualidade, nessa perspectiva, é apenas o retrato dessa identificação. Ao sexo são reduzidas todas as outras características humanas, é ele o termômetro que mede as capacidades dos homens e as inabilidades das mulheres. Em consequência disso, muitos preconceitos continuam se edificando nas práticas educativas da escola, da família. Tornar-se homem ou mulher requer aprioristicamente, vestir a pele adulterada do masculino e do feminino que estampa a cultura androcêntrica.

Essas diferenças entre meninos e meninas como bem focou este grupo em seu painel, são construídas entre outros modos, através dos discursos das gerações mais experientes e em suas distintas formas de representação social. São forças que produzem, subjetivam e



constituem homens e mulheres como sujeitos/as sociais padronizados. Instituições sociais como a escola e a família deveriam ser aliadas da desconstrução de valores estereotipados acerca dos modelos de masculino e feminino ou quaisquer outras situações que concorram para as desigualdades, porém, pelos depoimentos das jovens copesquisadoras, essas são as principais percussoras dessa construção e reprodução de conceitos, posturas e relações hierarquizadas a partir do sexo masculino.

A partir dos elementos apresentados sobre os papéis de gênero na educação infantil é possível afirmar a urgência de a escola investir em espaços de desconstrução de estereótipos de gênero e deve iniciar pela desconstrução das identidades de gênero das/os docentes para que finde alguns círculos viciosos que insistem em naturalizar as desigualdades e levam oprimidos/as a serem opressoras/es de si mesmos/as. Freire (1987, p. 34) ressalta que:

Um dos elementos básicos na mediação opressores-oprimidos é a prescrição. Toda prescrição é a imposição da opção de uma consciência a outra. Daí, o sentido alienador das prescrições que transformam a consciência recebedora no que vimos chamando de consciência “hospedeira” da consciência opressora. Por isto, o comportamento dos oprimidos é um comportamento prescrito. Faz-se à base de pautas estranhas a eles – as pautas dos opressores.

É preciso refletir sobre a ausência do empenho de agentes educativos, sejam, professoras/es, mães/pais ou outros/as na tomada de decisões capazes de fortalecer e fomentar novas pautas de discussões que concorram para a superação de estereótipos de masculino e de feminino fixados em princípios da hetenormatividade.

Em cumprimento ao proposto no Plano de Trabalho dessa Roda de Cultura Sociopoética, chegamos ao momento da socialização das impressões do grupo copesquisador, etapa em que as partícipes avaliaram a Roda e partilharam as concepções construídas acerca das identidades de gênero. Precisamos dar voz aos corpos e, conforme sua vontade de falar, convidamos as jovens da Roda para refletir e disponibilizar as suas reflexões ao grupo de modo (re)construindo conhecimento sobre o tema discutido.

Não há hierarquias na prática de pesquisa sociopoética, todas/os são pessoas dispostas a práticas de compartilhamentos consensuais de saberes expressos das mais diversas formas com o corpo todo, em gestos mansos ou teatrais, de alegria, medo, curiosidade, perplexidade, estranhamento, em todas as possibilidades humanas de dizer, sentir, agir e pensar o que nos afeta. Nessa forma circular, infinita no seu começo e fim, sentadas, iniciamos mais uma etapa da produção de dados desse estudo, na qual todas falaram. Optamos por transcrever nessa



parte do trabalho apenas 05 (cinco) falas das 22 (vinte e duas) copesquisadoras que participaram da Roda, considerando os elementos norteadores do estudo.

O nosso entendimento de gênero vai ao encontro dos vários contextos que encontramos nas escolas e tem estreita relação com brinquedos adequados para cada sexo, com as cores que meninas e meninos devem usar. Na verdade, a maioria de nós desse grupo, nunca tinha parado para pensar sobre isso, principalmente com essa compreensão, então para nós foi uma experiência muito rica, bastante produtiva em que cada um/a aprendeu bastante sobre gênero. (Copesquisadora 1, 2013)

Quando eu fui para a sala de aula foi que eu percebi como essa questão de gênero é forte, ainda tem muito preconceito, inclusive por parte de professores das salas de aula em que fizemos observações ou exercemos a docência. Também nos incluímos nessa crítica, pois deveríamos ter uma visão já bem diferente, mas não a temos, continuamos reproduzindo essa separação de gênero na escola. (Copesquisadora 2, 2013)

Eu trabalho há dois anos numa escola de Educação Infantil, lá as crianças são separadas em dois lados: um de meninas e outro de meninos há copos para as meninas na cor rosa e para meninos na cor azul. Isso me incomoda, mas eu me sinto muito sozinha nessa questão, parece que só a mim isso incomoda e para as outras/os tudo é tão natural. Já passei algumas dificuldades por tentar mudar isso, inclusive com as mães/pais”. (Copesquisadora 3, 2013).

Eu enquanto mãe de um menino de sete anos e por mais conhecimento que eu tenha quantas vezes eu olhei para ele pintando um desenho, em que a maior parte da pintura era preenchida pela cor rosa e perguntei: Sua cor preferida rosa? Ao que ele me respondeu: - Não, mas eu gosto de rosa. Isso não me convenceu, então, novamente eu indago: Você acha que rosa é cor de homem? (Copesquisadora 4, 2013.)

Eu acho que é muito relativo que o homem não possa fazer serviços de casa, eu acho que isso é da cultura familiar, são imposições que o pai e a mãe colocam. Eu lembro que quando eu morava com meus pais e a minha mãe viajava, eu ficava dentro de casa, eu tinha sempre que acordar mais cedo para fazer café e almoço para o meu pai e meu irmão que não podia fazer nada e ela dizia que isso era pelo fato de ela ser homem. Hoje no meu casamento não é assim, eu não concordo com isso, porque a mulher hoje está conquistando o seu espaço no mercado de trabalho. Toda mulher quer ter a sua casa e se preocupa com ela, mas isso não é uma coisa só dela e que o homem não pode fazer isso. Como futuros professores/as as, mães/pais temos que mudar esse pensamento. Hoje tem mulheres que estão na construção civil, são motoristas de caminhão, precisamos deixar essa cultura para trás e iniciar uma nova. (Copesquisadora 5, 2013)

As identidades de gênero que conseguimos captar nos depoimentos das copesquisadoras não diferem muito daquelas identificadas nas práticas das professoras da educação infantil, o divisor de águas que percebemos é o novo olhar construído por essas copesquisadoras sobre essa questão, podemos dizer que houve um despertar, uma sensibilização e essa nova condição de ser e ver essa identidade pode sinalizar para a desconstrução de preconceitos que proliferam as desigualdades de gênero e negam os Direitos Humanos de homens e mulheres.



Essa empreitada investigativa confere a necessidade de investimentos na formação de professoras/es para atuações mais comprometidas e abertas ao diálogo com as diversidades. Há quase uma unanimidade entre as copesquisadoras de que a academia não tem desenvolvido práticas formativas no campo do gênero e que essa deficiência tem deixado lacunas e fissuras na formação das/os docentes. De acordo com isso, elas afirmam que essa falta tem concorrido para outras práticas deficitárias na escola. É claro que não podemos culpar apenas os cursos de formação de professoras/es, pelo caráter sexista da educação, pois antes de serem professores/as, as/os docentes são seres humanos que trazem marcas históricas e culturais. São elas, elementos de reprodução e manutenção das dicotomias, inclusive as de gênero.

A Sociopoética das considerações finais

Esta pesquisa sociopoética teve a pretensão de captar as identidades e percepções de gênero das jovens discentes do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí e da Universidade Estadual do Piauí, partícipes da Roda de Cultura Sociopoética: Juventudes fazendo gênero na escola. Foi a partir dessas apreensões registradas durante a experiência do estágio supervisionado e na docência em escolas particulares e públicas da rede municipal e estadual da capital piauiense, notadamente, na educação infantil, que foram produzidos os saberes-retratos de práticas que naturalizam as desigualdades de gênero na escola.

Nesse contexto consideramos a identidade de gênero diferente da identidade de sexo, mas não foi essa a compreensão demonstrada nas vivências apresentadas pelos grupos copesquisadores. Pelos saberes produzidos, a escola continua sendo um dos espaços de reprodução das desigualdades de gênero. Nela se inscrevem práticas educativas que reforçam estereótipos de feminidades e de masculinidades contribuindo para a separação de meninas e meninos, pois ao fixar papéis, também determina os lugares e os fazeres adequados a cada sexo.

Outro ponto que destacamos no rico tecido desse estudo se relaciona ao fato de percebermos que grande parte das práticas de manutenção dessas desigualdades vem das professoras, que além de naturalizá-las se invisibilizam, não por uma ausência, mas contraditoriamente, por uma presença que confirma a necessidade da heteronormatividade. Os



achados descritos nesse trabalho dão conta de alienações, retaliações, punições, acomodação e silenciamento de corpos infantis que insistem em ultrapassar as fronteiras dos gêneros.

São muitas as sinalizações e pegadas que essa empreitada investigativa deixa, preferimo-la caminho por onde possam andarilhar sociopoetas, homens e mulheres afetados pelo desejo de quebrar as amarras de uma educação que olha, mas não enxerga a infância como tempo privilegiado de desconstrução de conceitos históricos, que não reconhece a criança como criança e a educa para ser um adulto herdeiro de valores que podem desumanizá-lo ou transformá-lo numa pessoa preconceituosa.

Esperamos que outras juventudes entrem na Roda e façam-na rodar a ponto de contribuir para novas discussões na seara do gênero e que avancemos na caminhada da mudança e do comprometimento dos novos educadores/as em inserir essa temática de forma revolucionária em sua *práxis-vida*.

Referências

- ALARCÃO, Isabel. Escola Reflexiva e nova racionalidade. Porto Alegre, Artmed, 2001.
- FAUSTO-STERLING, Anne. **Sexing the body**: gender politics and the construction of sexual. New York: Basic Books 2000.
- FAUSTO-STERLING, Anne. **Sexing the body**: gender politics and the construction of sexuality. Nova York, Basic Books. 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- GAUTHIER, Jacques. **Sociopoética - encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais, enfermagem e educação**. Rio de Janeiro: Editora Escola Anna Nery, UFRJ, 1999.
- LOURO, Guacira Lopes. Uma leitura da história da educação sob a perspectiva do gênero. **Teoria e Educação**, n.6, p.53-67, 1992.
- PAZ, Cláudia Denis Alves. Gênero no trabalho pedagógico da educação infantil. Disponível em: www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/8t10/claudia. Acesso em 20/07/2015.
- SAYÃO, Déborah Thomé. Cabeças e corpos, adultos e crianças: cadê o movimento e quem separou tudo isso? **Revista Eletrônica de Educação** – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, v. 2, n.2, p. 92-105, nov. 2008.
- ROSEMBERG, Fúvia. Caminhos cruzados: educação e gênero na produção acadêmica. Educação e pesquisa, São Paulo, v.27, n1, p, 47-68, 2001. Disponível em: www.scielo.com.br. Acesso em 08/08/2015.